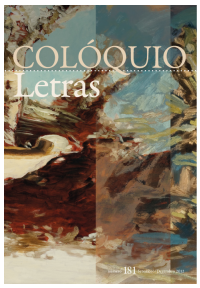

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'As Bicicletas em Setembro', de Baptista-Bastos]

Manuel Frias Martins

Para citar este documento / To cite this document:

Manuel Frias Martins, "[Recensão crítica a 'As Bicicletas em Setembro', de Baptista-Bastos]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 227-230.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

tes à qualidade da investigação, como se comprova pela recuperação da pasta do Dr. Sarzedas contendo a sua comunicação sobre o enigma dos painéis, logo criticada por outros especialistas. O enigma dos painéis permanece. Mina partirá de Lisboa, com o marido e a filha, não desvelando o mistério dos painéis, que mistério permanecerá, que é como quem diz, o mistério da existência de Portugal permanecerá. 2. — uma atmosfera de suspeita em torno de bares de homossexuais frequentados por jovens altos funcionários do Estado (Jô Sobral e Jô Alvim) em busca de encontros ocasionais (Manekas).

Romance português com contínua intercessão de frases em francês e inglês (raramente neerlandês), decorrido entre Portugal e a França, *Mina e as Coincidências*, como a restante obra ficcional de José-Augusto França publicada este século, insere-se na linha de uma nova narrativa portuguesa que faz cruzar personagens de diversas nacionalidades sem a evidenciação do antigo e queirosiano complexo de inferioridade das personagens portuguesas face às europeias, manifestando, assim, tanto a fortíssima revolução na mentalidade literária nacional pós-25 de Abril de 1974 quanto a normalização narrativa do nosso romance.

Miguel Real

Baptista-Bastos
AS BICICLETAS EM SETEMBRO
2.ª edição
Lisboa, Oficina do Livro / 2010

Publicado pela primeira vez em 2007 (Edições Asa), este romance inscreve-se no registo ficcional predominante de Baptista-Bastos, autor de estórias de vidas cativas de ternura e claridade existencial. Através de uma escrita envolvente e pujante, que o singularizou na literatura portuguesa, Baptista-Bastos oferece em *As Bicicletas em Setembro* uma narrativa cadenciada por vinte e seis unidades individualizadas (chamemos-lhes capítulos à falta de melhor entendimento) que correspondem a momentos diferenciados do percurso imaginativo do autor, embora acabem sempre por ser reconduzidos por este ao interior mais substantivo da narrativa geral, onde as estórias se vão cruzando e adquirindo a sua orientação temática mais representativa.

Tutelado em epígrafe por alguns versos de Eduardo Guerra Carneiro — de onde sobressaem os dois primeiros que dão voz ao título do romance («As bicicletas em Setembro rolam / no asfalto quente ...») —, este livro de Baptista-Bastos projeta desde o início, isto é, desde a primeira unidade narrativa, uma atmosfera onírica, imaginativa, fantasiosa, mas mesmo assim real ou emanando de uma experiência de vida passada que *a memória* reteve e que a literatura aspira a recuperar em forma romanesca:

> Hoje, compreende que Jesuina precisava de todos: a dor, como a solidão, precisam de companhia. Algum dentre nós teria de escrever sobre esses corredores e essas portas incertas, as imensidões sem fundo do tempo fugitivo e eterno. Sobre as nuvens em Setembro, que formavam círculos e pareciam rodas de bicicletas, quem me dera ir com elas, por esses céus fora, quem me dera. Tudo isto será esquecido, ele sabe: a bordadeira que tinha um olho de vidro [...]. E também ninguém mais recordará a menina Angélica, com oitenta anos e ainda tratada de menina; o odor forte dos pinheiros, o cheiro das cavalariças dos quartéis; as três putas da rua do Laranjal que saíam à noite para fazer a vida na casa da madame Blanche, cabeça, posta e rabo. (p. 11-2)

«Ele» será o observador do passado, o adulto que «vai tomando notas» após «ter mergulhado no mar do tempo» (*ibid.*), aquele que acede aos mistérios de narrativas ao mesmo tempo reais e fantásticas de um bairro lisboeta (os sinais toponímicos do romance apontam para o bairro da Ajuda) no tempo de uma infância já há muito passada, mas em cuja memória ainda habitam curiosas figuras humanas, cenas de vida e enredos sociais. De todos eles viverá a construção literária de uma *aprendizagem* dos afetos, da sexualidade, das dores e das alegrias, da vida e da morte, por parte de personagens socialmente situadas em estratos populares ou no que habitualmente (pelo menos no vocabulário político mais genérico) se designa por classe trabalhadora.

Aquela modalização do literário é, em certa medida, a marca de autor de Baptista-Bastos. De facto, por um lado os seus romances gravitam invariavelmente em torno de um núcleo de conhecimento reflexivo acerca dos múltiplos aspectos da experiência humana e social. De tal maneira que ler Baptista-Bastos equivale quase sempre a deparar com variantes diversas do chamado *romance de formação*, mesmo quando a formação se encontra não na personagem considerada principal mas em segundo plano, inscrita no próprio discurso da memória em que assenta a narrativa, como acontece no romance aqui em apreço. Por outro lado, as personagens de Baptista-Bastos possuem sempre uma identidade cujo desenho lhes permite o reconhecimento quase imediato por parte do leitor, e com ele a respetiva fusão de horizontes e/ou apropriação imaginativa.

Invalidando aventuras desconstrutivas quanto ao género romanesco, *As Bicicletas em Setembro* evolui como comentário das contingências humanas segundo um dispositivo narrativo que consiste na existência do narrador e de um eu dele distanciado, o qual, no entanto, vai fornecendo ao narrador os elementos da experiência necessários ao entretecer da narrativa até por vezes se fundirem numa primeira pessoa que inventaria os dados da memória e os coloca em perspetiva. Neste livro, essa primeira pessoa é deliberadamente equívoca, pois tanto pode ser o eu da experiência da infância como pode ser uma personagem cuja complexidade obriga o narrador a pôr-se na pele dessa mesma personagem e a falar a partir do seu lugar. Este hibridismo vai operando sucessivas reformatações do processo narrativo de *As Bicicletas em Setembro* até chegarmos a um ponto onde as subjetividades acabam por se fundir numa unidade em que tudo se liga com tudo. O papel de Jesuina, uma das figuras do bairro, é fulcral neste aspecto.

Investida de um papel central no imaginário do romance, é o eu exterior que recorda Jesuina em situações diversas que o narrador irá a seguir situar e comentar. Vivendo sozinha, diferente dos vizinhos nos comportamentos e atitudes, percetora disciplinada de algumas crianças do bairro, Jesuina vai gerindo os rumores e a má-língua das outras mulheres que o narrador lhe associa. Contudo, ao mesmo tempo a narrativa faz sobressair o lado mais vivo dessa mulher (um lado simultaneamente maternal e sexual) exatamente através de memes ou unidades de memória do eu (taticamente distanciado do narrador) que na infância com ela conviveu de muito perto.

> 'Lá se embebedou ela, outra vez.'
>
> 'Coitada, que pode ela fazer quando está sozinha?'
>
> 'Se calhar, deita-se com algum dos rapazes.'
>
> 'Já constou.'
>
> A intriga e a má-língua são o que há de mais engenhoso na vida. Caminham sem

> rumo, numa geometria confusa, nascidas do ócio e multiplicadas por uma espécie particular de ódio, de ciúme, de despeito. (p. 62-3)

Noutras alturas, é esta mesma mulher que fala na primeira pessoa, a ela se colando o narrador numa espécie de monólogo interior onde ambos se confundem:

> A felicidade não existe; há, apenas, instantes felizes. Também se diz que não se pode ter tudo. [...] Que nos impede de ter tudo? Quando fiquei só desorientei-me um pouco. Por vezes era assaltada pelo receio de gritar no meio da noite. Pela primeira vez pressenti-me incapaz de dominar os meus medos e de remediar os meus impulsos. (p. 111-2)

Associando-se de forma deliberada aos modos de conhecimento do narrador, Jesuina projeta-se derradeiramente como ponte com o passado do autor, com alguns dos momentos de formação deste, com a infância e a complicada aprendizagem de sermos o que poderemos ser em função de nós próprios mas também das circunstâncias. Jesuina torna-se na figura onde Baptista-Bastos concentra as memórias mais salientes da experiência da infância, sugerindo ao mesmo tempo a dinâmica ficcional por uma plataforma humana e social que permita abrigar comentários (ou quase desabafos) acerca do vício, da dor e da maldade que nos identificam, que nos marcam e que, quando inscritos em relações concretas com o outro, nos devolvem a triste imagem de nós próprios como seres malévolos e cruéis:

> Colocávamos à sua porta excrementos dos cavalos, ratos mortos, lixo que transportávamos dos caixotes da vizinhança. Tudo se desintegrava e a maldade apossara-se de nós. (p. 147)

Procurando-se a si mesmo nas possibilidades da ficção — aliás, num registo que lembra frequentemente um romance anterior intitulado *Viagem de Um Pai e de Um Filho pelas Ruas da Amargura* (1981) —, Baptista-Bastos aventura-se na reconstituição e reconfiguração de uma história pessoal que permite, na sua singularidade, entender o mundo e os outros. O ponto de chegada está no homem adulto, que se quer ainda confiante nas tonalidades benévolas dos outros, mas também já prisioneiro dos inevitáveis desencantos que a vida lhe trouxe e das realidades humanas que o envolveram. Na última e breve unidade narrativa (ou capítulo) lê-se: «vai demorar muito a habituarmo-nos à crueldade de que a nossa vida tem tudo a ver com sacrifício, dor, perda e pena» (p. 151).

Sem dúvida que, na sua tessitura ideativa mais global, *As Bicicletas em Setembro* nos coloca perante um *apelo autobiográfico*. A própria inclusão no final do livro de um texto de Baptista-Bastos, intitulado «A Obstinada Teimosia», de apresentação e comentário do seu próprio percurso pessoal como homem, jornalista e escritor, confirma esse apelo. Contudo, não são raras as vezes em que o leitor se sente conduzido menos pelos factos da história pessoal entretanto proposta e mais, muito mais, pelo tipo de linguagem que a veicula. É esta circunstância propriamente literária que cativa o leitor através de imagens fortes no alcance (quase filosófico) do comentário que nelas se encerra, do poder evocativo dessas imagens e, não menos importante, da sua irrecusável poeticidade, em virtude da própria idealidade por que elas se referem ao mundo. Por outro lado, a cadência da frase, o equilíbrio da dicção, a limpidez do sentido, não só asseguram à leitura um prazer contínuo, mas constituem também alguns dos sinais estilísticos que identificam Baptista-Bastos

como um dos melhores prosadores da literatura portuguesa contemporânea. Entre vários exemplos possíveis, proponho este fragmento respeitante à personagem Jesuina:

> Caminhava por toda a casa, debruçava-se na janela rectangular que dava para o jardim; seguia, com olhos indiferentes, o voar raso dos pombos; sentia, sem sentir, o aroma das flores, o rumor das copas das árvores, a brisa amena do rio. Colocava-se nos cantos mais sombrios dos quartos, como se quisesse recolher a natureza do silêncio e abranger o enigma das trevas. (p. 131)

Manuel Frias Martins

ANTOLOGIA

A CANETA QUE ESCREVE E A QUE PRESCREVE

DOENÇA E MEDICINA NA LITERATURA PORTUGUESA (ANTOLOGIA)

Organização de Clara Crabbé Rocha

Lisboa, Verbo / 2011

Dentro de tudo o que se vai fazendo em investigação científica (e o caminho trilhado a este respeito em Portugal, nos últimos quinze anos, é assombroso), há actividades e realizações que se destacam por, ao terem lugar, deixarem traços que depois se ramificam. Isto é, actividades que se multiplicam no futuro, e cujos ecos estruturados persistem.

É o caso da presente obra, uma antologia sobre Literatura Portuguesa e Medicina que recentemente veio a lume. Em 2006, a Fundação Calouste Gulbenkian tinha organizado um conjunto de palestras, constituindo um ciclo, em torno de Medicina e outras Artes, no âmbito das quais Clara Rocha se ocupou das relações da Medicina com a Literatura. Alguns anos mais tarde, e em boa hora, endereçou a Fundação o convite a Clara Rocha, que, com a colaboração de Teresa Jorge Ferreira, organizou esta antologia. Em boa hora também aceitou a Babel publicar o respectivo volume.

Por motivos pessoais, tenho vindo a interessar-me pela questão da produção de antologias. Começarei assim por algumas observações que indiquem, não apenas aquilo que constitui a meu ver a pertinência das antologias mas, sobretudo, a sua legitimidade. É claro que isto não afecta em nada o valor reconhecido a uma obra integral. Pelo contrário: uma antologia pode chamar a atenção (como é aliás o ocorrido aqui) para obras integrais que sofreram maiores ou menores descasos da história, por razões aliás entre si muito diferentes (e que não se limitam às qualidades estéticas elas mesmas). É o que se passa com parte dos autores aqui representados, cada vez mais conhecidos apenas de estudiosos especialistas, mas que, uma vez *lidos* (e isto implica que o possam ser, ou seja, que os seus textos estejam disponíveis), constituem um convite e um desafio a uma leitura mais extensa. A primeira virtude da antologia é pois esta possibilidade de *dar a ler* a quem não conhece, porque nem todos podemos (ou devemos) ser especialistas na área de Literatura Portuguesa. Poder (re)ler, aqui, autores como João Roiz de Castelo Branco, D. Francisco Manuel de Melo, Dom Duarte ou Correia Garção constitui uma *experiência* de apreço e de visitação que só quem os nunca leu pode desprezar.

A segunda grande qualidade da antologia é a de *acrescentar* algo que vem da escolha temática que a organiza, e por isso do *olhar proposto* para subsumir a leitura dos textos antologiados. Neste caso, «Literatura e Medicina» é a área que,